AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

O consumo da vida nas redes sociais em um ambiente "influencer": como ser *cool*…[1]

Denise Rosana da Silva Moraes[2]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
https://orcid.org/0000-0002-2991-0214

Resumo: No século XXI, surge uma cultura predominante de consumo, particularmente nas redes sociais. Essas plataformas servem como espaços aparentemente neutros onde várias pessoas mostram um mundo em que ser consumidor é sinônimo de ser descolado. Este artigo tem como objetivo fornecer uma visão geral dessa "*coolture"* vivenciada online, com implicações na vida real. Hoje, os influenciadores desempenham um papel significativo na normalização e no incentivo ao consumo excessivo, perpetuando a ideia de que ser descolado está intimamente ligado à capacidade de consumir e publicizar. Metodologicamente, este estudo extrai referências da internet e é teoricamente fundamentado nos Estudos Culturais e baseado em Paulo Freire, Omar Rincón e Byun Chul Han. O estudo visa contribuir para navegar neste tema sem adotar uma postura moralista, reconhecendo a necessidade de analisar criticamente este movimento, compreender suas complexidades e participar ativamente para efetuar mudanças.
Palavras-chave: Redes sociais. Consumo. Cultura digital. Diálogo. Estudos Culturais.

El consumo de la vida en las redes sociales en un entorno "influencer": cómo ser cool...

Resumen: En el siglo XXI ha surgido una cultura de consumo predominante, particularmente en las redes sociales. Estas plataformas sirven como espacios aparentemente neutrales donde varias personas muestran un mundo en el que ser consumidor es sinónimo de ser cool. Este artículo objetiva una visión general de esta "coolture" experimentada en línea, con implicaciones en la vida real. Hoy en día, los influencers desempeñan un papel importante a la hora de normalizar y fomentar el consumo excesivo, perpetuando la idea de que ser cool está estrechamente vinculado a la capacidad de consumir y espectáculo. Metodológicamente, este estudio extrae referentes de internet y se fundamenta teóricamente en Estudios Culturales y tiene como base a Paulo Freire, Omar Rincón y Byun Chul Han. Su objetivo es ayudar a navegar este tema sin adoptar una postura moralista, reconociendo la necesidad de analizar críticamente este movimiento, comprender sus complejidades y participar activamente para lograr cambios.
Palabras-clave: Redes Sociales. Consumo. Cultura digital. Diálogo. Estudios Culturales.

[1] Recebido em: 09/09/2024. Aprovado em: 05/02/2025.
[2] Mestre e Doutora em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná. Professora Sênior do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Foz do Iguaçu/Paraná. Membro do grupo de pesquisa em Políticas Avaliativas, Avaliação e Formação de Professores (PAMFOR), cadastrado no CNPq. Pesquisadora da Formação de Professores, Mídias e Práticas de Ensino. Bolsista-Sênior chamada 07/2023 da Fundação Araucária. E-mail: denisepedagoga@gmail.com

The consumption of life on social networks in an “influencer” environment: how to be cool...

Abstract: In the 21st century, a prevalent culture of consumption has arises, particularly within social networks. These platforms serve as seemingly neutral spaces where various people showcase a world in which being a consumer is synonymous with being cool. This article aims to provide an overview of this "coolture" that is predominantly experienced online but has real-life implications. Today, influencers play a significant role in normalizing and encouraging excessive consumption, perpetuating the idea that being cool is intricately tied to one's ability to consume and display it publicly. Methodologically, this study draws references from the internet and is theoretically grounded in Cultural Studies and based by Paulo Freire, Omar Rincón, and Byun Chul Han. The study aims to contribute to navigating this theme without adopting a moralistic stance, recognizing the need to critically analyze this movement understand it its complexities and actively participate in order to effect change.
Keywords: Social networks. Consumption. Digital Coolture. Dialogue. Cultural studies.

INTRODUÇÃO

O século XXI apresenta uma cultura predominante de consumo, particularmente nas redes sociais. As discussões da vida contemporânea estão muito fortemente relacionadas às tecnologias e suas formas de reelaboração do tempo e do espaço, bem como da sociedade de consumo e suas urgências. Uma delas que será explorada, no limite deste artigo científico, trata mais especificamente do *boom* em relação ao consumo pelas redes sociais, não somente material, mas de algo imaterial como da vida humana.

As plataformas, redes sociais, servem como espaços aparentemente neutros onde várias pessoas mostram um mundo em que ser consumidor é sinônimo de ser descolado.

Este artigo tem como objetivo fornecer uma visão geral dessa "coolture" que é predominantemente vivenciada online, mas tem implicações na vida real. Hoje, os influenciadores desempenham um papel significativo na normalização e no incentivo ao consumo excessivo, perpetuando a ideia de que ser descolado está intimamente ligado à capacidade de consumir e exibir publicamente, a vida é uma vitrine. Além disso, essa "coolture" moldou efetivamente uma sociedade de espetáculo, característica do século XXI.

Metodologicamente, este estudo extrai referências da internet e é teoricamente fundamentado nos Estudos Culturais (EC) com foco específico nas discussões apresentadas por Paulo Freire, Omar Rincón e Byun Chul Han. Por fim, visa contribuir

para navegar neste tema sem adotar uma postura moralista, reconhecendo a necessidade de analisar criticamente esta nova era, compreender suas complexidades e participar ativamente para problematizá-la.

Ressaltamos que este artigo, é fruto de pesquisas acerca da mídia, seu impacto bem como, sua inserção na educação e na escola, com foco na formação de professores. A experiência com a formação de professores e a pesquisa empírica tem revelado a preocupação dos docentes em relação às mudanças que estão ocorrendo, ainda há certa desinformação quando o assunto é a cultura digital.

Nessa perspectiva o diálogo com Paulo Freire fundamenta a importância da conversa e escuta atenta, na realização de uma ação educativa. Para ele, é preciso que a dialogicidade seja uma constante no espaço tempo, da relação docente e de ensino e aprendizagem.

Nosso diálogo se dará também com Omar Rincon, um pesquisador atualizado com esses ambientes nos quais a mídia e seus artefatos, dentre eles as redes sociais, tem evidenciado a felicidade como se a vida fosse uma película de cinema, por exemplo.

De outro lado, temos o diálogo com Byang-Chul Han, pesquisador dos Estudos Culturais que articula sua análise acerca da cultura, globalização, e do que denomina como infocracia, à digitalização do mundo da vida. Um pesquisador que investiga a hiperculturalidade, a crise da democracia e a racionalidade digital bem como, a crise da ação comunicativa, tal como a conhecemos. Apresenta ainda debates acerca dessa sociedade, de sua percepção em busca de um novo tempo.

Este texto, com isso, tem como objetivo provocar questionamentos acerca desse momento em que o entretenimento está intrincado às culturas midiáticas e isso tem alterado à percepção da e na vida.

Rincon (2006) expressa que a estética do espetáculo estabelece valores, vivências afetivas generalizadas em formato de gostos, que se tornam símbolos, atitudes, linguagens, indústria e experimentações.

> Las culturas mediaticas nos proponen vivir la vida cono una pelicula, em la cual cada uno puede o debe ser la estrella porque supostamente el entretenimiento es el proposito de la vida, la felicidad del sujeto. Para logralo debemos vivir intensamente emocionados (interpelacion espectacular), pensando que el disfrute es el fin de todas las acciones vitales (*filosofia light)*, que cada uno es autor y actor de su vida(*actitud new age)* y que tenemos siempre una camara disponible para convertirnos em celebridades (*politica reality*) (Rincón, 2006,p.40).

Trata-se de uma lógica, que de certa forma, forja um novo modo *operandis* de vida. Há uma necessidade de comunicar por meio das redes sociais, a vida erigida por um mundo do espetáculo, como já expressou Guy Debord (2003,p.07), sobre a negação da vida que se torna invisível, a perda da qualidade que se fixa ligada à forma de mercadoria e consequentemente à "proletarização do mundo". O espetáculo para o filósofo não seria somente um conjunto de imagens, mas uma relação com o outro, mediada por imagens.

Este artigo, nasce das pesquisas desenvolvidas sobre a mídia e sua inserção no campo educativo, e como esta interrelação tem alterado as relações intra e extra escola, e reverberado na vida em sociedade. É preciso pensar como essa realidade está estruturada, para conhecê-la mais profundamente e com isso realizar sua crítica.

Este estudo está organizado da seguinte forma: Inicialmente teço algumas considerações acerca do tema elegido, em seguida apresento de forma breve, o pensamento de Omar Rincon sobre o que é ser *cool* na sociedade atual, com o pressuposto de que é preciso conhecer para analisar e fazer a crítica, e concluo o texto com as análises de Byun Chul Han sobre a busca por um novo tempo e as reviravoltas do mundo da vida em uma sociedade hiperculturalizada.

São reflexões e provocações sobre esse tempo, e principalmente de como analisar e ouvir o eco da juventude nessa sociedade culturalmente cada vez mais digital. Culmino com a problematização acerca da necessidade de dialogar com a pluralidade, elaborando a crítica ao neotecnicismo que se apresenta fortalecido, principalmente na esfera educativa. Julgo necessário e urgente conhecer mais esse mundo midiático e *cool* para estabelecer, se possível, diálogos com vistas a alteridade da vida e das pessoas. Esse mundo hiperconectado é vasto, necessita ser aprofundado, este artigo apresenta diálogos para contribuir com os debates, pois, precisamos apreender esta linguagem para poder usar a nosso favor, como já nos alertou Silverstone (2002), sobre a importância de estudar a mídia e compreendê-la em relação à cultura, sociedade, política e economia no novo milênio. Ele problematiza questões em torno do tema, no sentido de reclamar para a mídia um estudo e posição intelectual relevante, como parte de compreensão do mundo.

DESENVOLVIMENTO

Tempos e espaços diversos na mídia digital: ser *cool*

Omar Rincón, assevera que as mídias são as chaves para decisões políticas, econômicas e sociais, pois invocam uma liberdade de expressão que tem como pano de fundo a garantia da liberdade das empresas e são usadas livremente por grandes conglomerados para as decisões de poder. Essas empresas vigiam, controlam e dominam esse espaço comunicacional.

> Los medios, entonces, se convirtieron en voceros de sus amos y dejaron de ser los voceros de los ciudadanos. Su poder está en que militan y operan para el relato de hegemonía política que les conviene; operan sobre la opinión pública blindando unos y atacando otros modos de hacer política, inventando grietas, polarizaciones, crisis. Su poder de lobby e incidencia política y económica está en que trabajan en la producción de visibilidades, percepciones, representaciones y emociones públicas. Así su incidencia afecta directamente los ambientes simbólicos, los climas sociales, el control y la vigilancia de la vida privada de los ciudadanos (Rincón, 2018,p.165).

Temos aqui um debate importante e necessário sobre a função das mídias que fortalecem grandes empresas, capital internacional, e regulam por meio da aceitação pública, seus interesses particulares, com isso, fazer o lobby é garantir que as políticas lhes sejam convenientes.

Rincón defende que é preciso haver sensibilização e mobilização na produção de informação que não esteja vinculada aos interesses econômicos e que se apresente de forma transparente ao povo.

> Hay que movilizar através de las redes sociales. Hay que promover buenas prácticas contra la evasión. Hay que aproyar, sensibilizar y visibilizar las acciones de organizaciones da la sociedad civil y de Estados para delimitar el accionar y poner fin a la impunidad de estas empresas. Por último, hayu que incentivar la discusión sobre la transparência de los médios de comunicación, y que quede más claro em qué médios se puede confiar sobre ciertos temas y em cuáles no (Rincón, 2018, s/p.).

O debate crucial sobre a cultura na atualidade, tem a ver para o autor, com sua intrincada aproximação ao entretenimento globalizado que traz como critério de gosto, ser *cool.* Nesse sentido, ser *cool*, é ser influencer, isso em todos os cenários, sejam eles sociais, artísticos, políticos etc. Ele nos fala que: "Su escenario, su iglesia, su museo, su cancha es la "media ecology" (la *coolture* habla, escribe –si escribir en redes es escribir-en inglés y en frases sin final), ese ecosistema hecho de pantallas, redes, internet, celulares, apps que se autodenomina "transmedia & convergencia" (Rincón, 2018,p.02).

Essa influência que se dá pelas redes sociais, apresenta-se distante do que seria reflexão para pensadores e intelectuais, já que é necessário tempo para fazê-lo. O tempo é a exposição, ser *cool* é expor a vida em tempo real, diferente da sociedade disciplinar, como expressa o autor. Nessa sociedade, que conhecemos bem, a ideia de disciplina e de proibição, cuja escola foi erigida sob esta premissa e concepção do controle dos corpos como já nos alertou Foucault (1987).

Essa nova cultura é contraditória, pois, a mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um sujeito que deveria obedecer, pelo poder da coerção, e, hoje pelo acesso aos meios de comunicação, redes sociais, Inteligência Artificial, torna-se contrário à obediência. Esse sujeito tende a um maior desempenho, mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. No lugar da obediência assume o lugar da ideia da iniciativa, inovação que solidifica a sociedade do desempenho.

Segundo Rincón, atualmente, a organização social implica outros formatos: prática à superficialidade em relação à profundidade, por ser veloz e não reflexiva, sequencial e não analítica, preferência à conexão em relação à expressão, o prazer em detrimento ao esforço, multitarefas ao contrário da especialização. Há, segundo ele, um esforço cultural para ser *softpower*, um poder dócil e brando que é a cultura, e no qual os Estados Unidos é o império, o *softpower* é também entretenimento.

A *coolture* é plena do que é popular e consome o que é contracultural, que define o estilo em uma sociedade de consumo. "La *coolture* tiene sus *cooltos* que orgullosamente se autodenominan *milenials*, hipster,nativos-digitales, pragmáticos, *like generation.* Sujetos que viven en la *selfie life,* esa del yo en expansión" (Rincón, 2018, s/p.). A apropriação dessa "nova" sociedade midiática, em que a vida é uma exposição, uma selfie, pelos Estudos Culturais, é preciso fazer a análise crítica a fim de que possamos utilizá-la a nosso favor. Nesse sentido, realizar sua leitura crítica, significa além de perceber sua intencionalidade, também o quanto é contraproducente ignorá-la.

Rincón nos diz que é preciso realizar a leitura dessa sociedade, sem intenção de moralismo, e que nos restam algumas possibilidades na busca por uma sociedade democrática.

> comprender a los *coolsture* para explicarlos; dialogar con esa *coolture*; intervenirla para que sea distinta; no como nosotros, sino distinta. Por eso, creo que hay que poner en diálogo freiriano (de Pablo Freire), cada uno desde y com sus códigos, saberes y prácticas culturales, a *Jurasic Park* (nosotros

> los modernos, letrados, ilustrados) con *The walking dead*(esos *cools* que se creen muy vivos pero son *zombies*que siguen sus pantallas) (Rincón, 2018, s/p.).

Esse dialogismo que trata Rincón, tem inspiração na educação humanista libertadora de Paulo Freire, o qual conta com as categorias diálogo e dialogicidade como sendo centrais na construção de um projeto pedagógico crítico, que também pensa e propõe ações para o presente e o futuro, no qual a esperança prevalece.

> Para Freire, o diálogo é uma força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir nosso *ethos* cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca (Zitkoski, 2008,p.130).

O pressuposto freiriano de diálogo, corroborado por Rincón, nos orienta que o primeiro passo para dialogar com esta nova cultura, é ouvi-la, dialogar com ela para conhecê-la, principalmente dar-lhe visibilidade crítica em todos os espaços possíveis, e, as redes sociais são um potencial espaço de anúncio e denúncia.

Compreender esse movimento e esses novos modos de pensar em Freire (1993) nos reserva o diálogo como possibilidade de mudança, olhar o mundo e a nossa própria existência, como algo inacabado e, portanto, em constante alteração. Essa abertura e o sentimento de percepção da sociedade que estamos vivendo, ao que está por vir, não significaria uma aceitação ingênua, mas o compromisso conosco e com o outro, e aí a cultura midiática e dialógica pode contribuir para redimensionar a educação e a escola para o novo século.

Para melhor ilustrar essa ideia de mudança, na tentativa de aprofundá-la, Rincón elabora um quadro metodológico que apresenta como a cultura está referenciada na América latina. Ele toma como objeto de análise aspectos diversos de cultura, aqui representados por Cultura Popular; Cultura e Coolture, e define como cada uma é evidenciada.

Quadro 1 – Referenciais culturais para a América Latina.

	POPULAR	**CULTura**	**COOLture**
Pensar	poner en cuerpo	poner la cabeza	Ponerse en juego y secuencia
Actitud	ritual	sublime	Cool & pop
Placer	sabrosura	complejidad	Conversación
Creación	identidad	originalidad	Experiencia
Experiencia	festiva	reflexiva	Divertida
Valor	colectivo	profundidad	Conectivo
Crítica	autoridad moral	gatekeeper	Tastemaker + trendsetter
Entretenimiento	LO BAILADO	LO PENSADO	LO YOIFICADO

Fonte: Rincón, 2018.

Nesse quadro de referências sobre como na América Latina o movimento cultural tem se dado e existido, podemos perceber a passagem de uma cultura mais reflexiva, criativa, à cultura conectiva, aquela que é expressa como mais calma e dócil. Essas três referências culturais, nos fundem, separam e misturam.

Assim, ser *cool* é ser formador de opinião *(tastemaker*), criador de conteúdo e tendências*(trendsetter)*. Passa-se da sociedade da obediência, negação e controle para uma sociedade que se pretende ágil e criativa, e que responsabiliza o indivíduo pela criação numa falsa ideia de protagonismo, quando o controle se dá pelas redes sociais, o consumo da vida e da imagem é parte de ser *cool.*

Pela própria velocidade das redes sociais e interações pela internet, esse movimento, COOLtura pressupõe um dinamismo em torno de si mesmo. Nesse ritmo é preciso estar em evidência e conectado, a vida passa a ser um espetáculo cotidiano, que rende curtidas, *Likes* ou *Gram Likes,* que são possíveis de serem adquiridas por empresas específicas, a fim de que o número de seguidores possa ser ampliado. Quanto maior os likes, maior ganho monetário isso implica.

Apesar de parecer que nessa sociedade midiática, o indivíduo está no controle do seu tempo e espaço, há deslocamentos e tensões que forjam o individualismo social. Essas contradições serão discutidas nesse texto com o professor Byun-Chul Han que problematiza a atual sociedade, como sendo a sociedade do cansaço.

Ao completar o que chama de bônus, Rincón ainda apresenta algumas possibilidades de intervenção desde o Sul:

> Comprender esta coolture para poder explicarla, perder el moralismo para ganar la intervención.
> Un diálogo freiriano entre *Jurasic Park* (nosotros los modernos) com *The walking deade* (los jóvenes y sus potencialidades para liberarse del amo).
> Asumir lo proprio, el território y la identidade de uno como lugar de enunciación.
> Inspirarse em los otros que nos habitan em lo afro, lo indígena, lo feminino, las nuevas sexualidades y esa vitalidade juvenil que es América Latina.
> Activar emocionalmente al ciudadano y convertirlo em ciudadano Celebrity desde nuestras lógicas, estéticas e políticas.
> Recordar que la estética, los gêneros y los formatos tienen ideologia por lo tanto hay que romperlos e intervenirlos estética y narrativamente.
> Ser mutantes que ponen el cuerpo, hackean los poderes, remixean los saberes, disjayn los sentires de uma sociedade.
> Recuperar lo popular. Y ser popular es tener que narrar/contar, poner el cuerpo y bailar, mironizar el poder al reír.
> Mas que copiar, bastardear el mainstream (Rincón, 2018, p.06).

Rincón referenda diferentes possibilidades de conhecer para intervir em nossas esferas de possibilidades, o que podemos chamar de micropolíticas de intervenção.

A mudança pelas mídias digitais: contradições?

Byun Chul Han no prefácio de um de seus escritos, sobre o tema que discuto neste artigo, revisita o teórico das mídias Marschall Mc Luhan que em 1964 escreve sobre a mudança que o mundo estava vivendo com o advento da eletricidade quando diz que "a técnica da eletricidade está, porém, para em meio a nós, e nós somos zonzos, cegos e mudos em seu embate com a técnica de Gutenberg"(Han *apud* Mc Luhan, 2018, s/p.). O cenário descrito por Luhan, é de um tempo de mudanças que sempre nos aflige e isso é percebido pelo tempo histórico que conhecemos e pelas contradições que nos apresentam.

Esse é o tempo de mudanças, pelas culturas digitais que fazem parte inexoravelmente das nossas vidas, e, percebê-las nas suas mais diversas formas é um exercício difícil, pois como bem nos diz Han "Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez". E continua "essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual" (2018, s/p).

Ao mesmo tempo essa embriaguez é também eivada de afetos, pois o uso da mídia como comunicação, pelas redes sociais, gera uma conexão, ao contrário de uma comunicação passiva, ela se dá de forma ativa, aparentemente não existe hierarquia que

separe quem escreve daquele que é o receptor da mensagem. Nesse aspecto todos são ao mesmo tempo consumidores e produtores.

Isso é curioso, pois, como preconiza os estudos culturais, a mídia possibilita uma relação mais simétrica que como nos fala Han o que difere da relação de poder hierarquizada, em que somente um lado tem a voz.

> O presente do poder reduz a improbabilidade da aceitação de minha seleção do curso de ação, de minha decisão de vontade por parte de outros. O poder como meio de comunicação consiste em, tendo em vista a possibilidade do Não, aumentar a probabilidade do Sim. O Não é sempre alto. A comunicação de poder reduz consideravelmente o ruído e o barulho, ou seja, a entropia comunicativa. Assim, a palavra de poder elimina repentinamente o barulho que se infla. Ele produz um silêncio, a saber, o espaço para ações (Han, 2018,p.09).

O poder tem uma relação assimétrica e vertical, o que fundamenta a ação hierárquica, estandardizada e impossibilita a decisão e vontade, não sendo dialógica. Depois da revolução digital "é soberano quem dispõe de *Shitstorm* da rede. (Han, 2018,p.09).

O *Shistorm, é* uma espécie de tempestade de indignação, que pela internet serve como propulsora de campanha difamatória.

> O Shitstorm aponta para deslocamentos econômicos e de poder [machtökonomisch] na comunicação política. Ele se infla no espaço que é fracamente ocupado pelo poder e pela autoridade. Já em hierarquias planas lançamo-nos no Shitstorm. O poder como mídia de comunicação cuida para que a comunicação flua em um sentido. A seleção do curso de ação feita pelos detentores do poder é seguida, por assim dizer, sem ruídos pelos subalternos do poder. O ruído ou o barulho é um indício acústico do começo da desintegração do poder. Também o Shitstorm é um barulho comunicativo. O carisma, enquanto expressão aural do poder, seria o melhor escudo de proteção contra Shitstorms. Ele não se deixa inflar desde o princípio (Han,2018,p.10).

O autor anuncia que o "carisma" como expressão aural do poder, é ainda o melhor escudo de proteção contra a *Shitstorms.* O que se trata do respeito como meio de comunicação exerce certa proteção diante do poder e da rapidez com que as redes sociais são acionadas.

Han nos convida a refletir sobre as novas formas de dominação, que em oposição ao regime disciplinar, "não são corpos e energia que são explorados, mas informações e dados"(Han, 2022,p.07). A ideia de posse dos meios de produção se

transmuta para a “posse e acesso aos dados para vigilância, controle e prognóstico de comportamento psicopolíticos”.

O autor nos alerta ainda, de que passamos a viver uma era que é denominada como o capitalismo da informação, na qual o que importa são os dados que são a nova forma do capitalismo industrial. Nesta perspectiva, diferentemente da vigilância, que optava por formas de garantia da disciplina, no sentido expresso por Foucault em vigiar e punir, no capitalismo da informação as técnicas para esse fim, como o isolamento, a regulação do trabalho e o próprio adestramento corporal ficaram obsoletas. Importa agora, que o sujeito anteriormente submisso ao cumprimento de tarefas, não seja mais dócil e obediente. “Ao contrário, supõe-se livre, autêntico e criativo. Produz-se e se performa”. O imperativo nessa sociedade da transparência é “tudo estar disponível na condição de informação” (Han, 2022,p.14).

O paradoxo para ele (2022,p.15-17) é de que na sociedade da informação as pessoas, mesmo aparentemente livres, estão de certa forma aprisionadas às próprias informações. “Afivelam elas mesmas os grilhões ao se comunicarem e ao produzirem informações. O presídio digital é transparente”. A dominação agora é ocultada, pois se funde ao cotidiano. “O *like* exclui toda a revolução”. Esse modelo de capitalismo tem se apropriado das técnicas e discursos neoliberais, no qual impera a ideia de meritocracia e individualização, deslegitimação da política, bem como desconstrução da democracia.

Nessa esteira de configuração dessa sociedade, os influencers utilizam técnicas de poder neoliberais, ao invocar constantemente a ideia de liberdade, criatividade e autenticidade. Tudo passa a ser uma grande encenação da forma cotidiana de vida, os influencers motivam a compartilhar e consumir a sua própria existência. Isso, para Han, faz com que a identidade e o consumo se interrelacionem e se constituam uma mercadoria, enquanto há um controle psicopolítico do comportamento. A atenção é multifacetada, pois o estímulo é interessante e eficaz o que dificulta olhar e pensar acerca de importantes temas sociais.

> Uma fenomenologia da informação é necessária para se adquirir uma compreensão profunda sobre a infocracia, sobre a crise da democracia no regime de informação. Essa crise se inicia já no âmbito cognitivo. Informações têm um espaço de tempo muito estreio de atualidade. Falta-lhes a estabilidade temporal, pois vivem no “estímulo da surpresa”. Em virtude de sua instabilidade temporal, fragmentam a percepção. Rompem a realidade em uma “vertigem permanente de atualidade”. Não é possível demorar em informações. A coação de aceleração inerente às informações recalca às

> práticas de tempo intensivo, cognitivas, como *saber, experiência e compreensão (*Han, 2022,p.35).

Isso nos auxilia a pensar sobre a vivência de tantos casos de informações falsas, os casos de fake News, por exemplo, que geram situações que distorcem a realidade e provocam reações violentas e perigosas, em grande escala, pelo potencial alcance das redes sociais. É preciso tempo para uma leitura crítica, pautada em fatos e buscas acerca da realidade, pois, com toda a rapidez no compartilhamento de informações, essa análise de forma racional, tem ficado fragilizada e com isso, notícias falsas tem gerado mais atenção do que fatos, e são atualmente mais eficazes do que um argumento fundamentado.

Esse movimento, para Han faz parte de uma biopolítica que por sua vez, fundamenta a psicopolítica, muito mais elaborada, pois se entranha em dados que são produzidos pelas próprias pessoas.

> A psicopolítica, para Han, tende a eliminar a negatividade e a resistência com uma pressão para ser positivo, produtivo e adaptável, que reduz a capacidade dos indivíduos de experimentar e expressar emoções negativas, como frustração e raiva (Han, 2017). Essa supressão da negatividade contribui para a conformidade e a passividade, enfraquecendo a capacidade crítica e a resistência ao poder. Han critica a cultura da performance e da autoajuda que prevalece na psicopolítica, onde a ênfase está no autoaperfeiçoamento contínuo e na capacidade individual de superar desafios. Argumenta que isso desvia a atenção das questões estruturais e sistêmicas, colocando a responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso unicamente sobre os indivíduos (KHAUAJA, 2024,p.4).

Han nos fala de como a psicopolítica se associa ao que chama de economia da atenção, onde a ideia central é o engajamento e a geração de dados que consequentemente beneficia o capital. Observamos com ele, que essa forma de pensar mina a tomada de decisões de forma inconsciente o que leva a uma perigosa fragilidade democrática. "A crise da democracia é antes de mais nada uma crise da escuta atenta" (Han, 2022, p.53). "Não ouvimos mais o outro de maneira atenta". "Ouvir atentamente é um ato político" (p.62).

Diálogos e escuta em tempos e cenários midiáticos: em busca de um novo tempo

As discussões apresentadas anteriormente remetem a pensar e problematizar questões, especialmente em relação ao diálogo e a escuta, neste cenário de exposição e

vida midiática. A ideia de uma escuta ativa e do diálogo, especialmente em uma realidade social difusa, pode causar estranhamento.

Paulo Freire, em seus estudos priorizou a escuta e o diálogo como potenciais propulsores de aprendizagens. Elencou à necessidade da escuta para a existência de qualquer prática educativa, que diferente de apenas ouvir, aproxima os diferentes, e isso é fundamental para o exercício da autonomia,

> Saber escutar é condição para o desenvolvimento de uma prática educativa democrática. Na medida que aprendemos a escutar, paciente e criticamente o educando, podemos passar a falar com ele e não para ele, como se fossemos detentores da verdade a ser transmitida. Nessa perspectiva saber, saber escutar requer que se aprenda a escutar o diferente (Saul, apud Freire, 2008,p.171).

Freire defende a ação de escuta como condição *sine qua non* para o exercício da prática educativa crítica, e escutar nós mesmos e o outro está se tornando cada vez mais difícil pela cultura digital que está engendrada em sociedade. O tempo é outro e como nos diz Han, é um tempo de ausência de conclusão.

Nesse tempo, diz Han (2021), o que perturba não é a aceleração, como tal, que faz com que as pessoas não tenham tempo para escutar e processar. O que é complicado, não seria essa aceleração por si só, mas a ausência de uma conclusão, e do ritmo das coisas. Entretanto, o processador ao contrário, pode ser acelerado de forma infinita, porque não trabalha de forma narrativa e sim aditiva. As narrativas não podem ser aceleradas à vontade, pois, correm o risco de perder o sentido e sua estrutura temporal.

> Ele argumenta ainda que "não é só o tempo narrativo que é uma conclusão. O instante de felicidade e realização também é uma conclusão, pois está encerrado em si mesmo. Ele não tem nada em torno de si, ele repousa em si e basta a si mesmo. Essa ausência de cuidado é algo que traz felicidade" (Han, 2021, p,13-14).

É inquietante essa perspectiva, como o tempo, a escuta e a narrativa podem se tornar especiais pois dependem de uma conclusão, que de tão especial pode também significar um momento feliz e único em uma sociedade talvez barulhenta e visual demais. Ele afirma que as imagens na modalidade digital não têm silêncio, não têm música ou mesma fragrâncias que nos remetam por exemplo a vivência da nossa subjetividade. Um fechar de olhos, por exemplo, pode significar uma conclusão, na qual a imagem pode falar conosco no silêncio, essa é a ideia do autor sobre a conclusão, e de

como as “imagens intranquilas, não falam nem contam, mas fazem barulho”. Assim, “o olho fechado é o signo visual da conclusão” (Han, 2021,p.16).

Ele nos adverte ainda, que nessa sociedade vivemos um vazio de sentido e isso faz com que haja maior necessidade de comunicação, por isso o incessante chamamento pelas redes sociais, por exemplo. Entretanto, orienta para a possibilidade de contrariar essa lógica do vazio, instituindo o diálogo com o outro cujo sentido tende a escapar da aceleração. “Só uma comunicação impessoal pode ser acelerada infinitamente” (Han 2021,p.44).

Portanto, a comunicação humana só tem sentido na medida que representa uma forma de conclusão, pensar o tempo do outro é diferente de pensar o tempo do eu, pois é uma dádiva que não pode ser acelerado, mas vivido.

CONCLUSÃO

A guisa de conclusão, mas sem intenção de encerrar esta discussão, este artigo propõe antes de tudo dialogar sobre as mídias digitais, a infocracia e a atuação dos influencers, denominados *cools*.

O texto que apresento, faz parte de uma trajetória de pesquisas, há pelo menos duas décadas, sobre a formação de professores e mais especificamente acerca da inserção das tecnologias e seus aparatos digitais no campo da educação e da escola. Tem como propósito problematizar esse campo, trazendo à discussão a importância de apreender a leitura crítica das redes sociais e sua influência na configuração de uma nova sociedade, agora mediada, controlada pela informação, na qual a imagem é tudo!

Pontos importantes de reflexão cercearam essa escritura, por exemplo: como essa discussão está acontecendo no campo educativo, como podemos nos fortalecer diante de tantos desafios a serem vividos, como trabalhar à docência são partes das questões que espero ter incluído aqui nesse texto.

Com os fundamentos e a leitura de Omar Rincón, Paulo Freire e Byung-Chul Han, busco apresentar alguns pontos nevrálgicos sobre o tema, denotando como o diálogo é parte intrínseca para discutir e problematizar essa sociedade. Estamos em um tempo de acesso às redes sociais, de aproximação de fronteiras culturais, entretanto a dialogicidade escapa dessa realidade na qual o espetáculo é tudo.

É importante dizer que a base teórica são os estudos culturais, pois são um campo teórico que ao mesmo tempo em que fazem a crítica contundente às mídias digitais como um todo, também nos revelam possibilidades de compreendê-la a fim de nos apropriarmos dela e utilizarmos a nosso favor.

É preciso pontuar que a cultura digital as redes sociais e os componentes que implicam essa reconfiguração social, exigem de nós, um olhar meticuloso e investigativo, indo na contramão da sociedade da informação, na qual a análise e a reflexão cedem espaço para o agora, na qual ser *cool* é estar visível, a vida passa a ser uma grande transparência.

Trata-se como nos diz Han de uma sociedade na qual a ideia de controle e rigidez dos corpos, cede lugar a uma pretensa liberdade e criatividade, o controle se dá pelo acesso à vida sem restrições. O monitoramento agora está em cada um, no que posta e multiplica, nos likes que recebe ou compra, no consumo de si e do outro. É necessário um cuidado e proteção dos dados, já que essa é a riqueza da sociedade hiper conectada.

Tão importante como essa proteção dos dados, é também perceber como essa rapidez e fragilidade dos encontros tem se dado, como parar para ouvir uma música, sentir o que uma obra de arte pode transmitir.

Han argumenta sobre o fechar os olhos como uma espécie de conclusão, o que essa cultura digitalizada não permite, pela própria aceleração que lhe é própria, já que para um computador não há limites de processamento, por isso algo tão impessoal.

Ele apresenta também o amor como uma possibilidade de conclusão, quando há doação ao outro, dando sentido para esse fechar de olhos a fim de sentir esse tempo novo. O que Rincón também argumentou quando nos provoca a ler essa sociedade sem preconceitos e nem moralismos, mas com o objetivo de compreendê-la para poder realizar a interlocução e mediação. Considerando que esse é um novo um desafio, em todos os campos, mas principalmente no campo da educação e da escola, como trabalhar a docência e problematizar o quanto o tempo é importante e quão o outro pode auxiliar a dar sentido à própria vida.

Mais uma vez aqui tratamos do diálogo, da escuta como reciprocidade. Essa aproximação não significa uma desistência de inserir na prática pedagógica os potenciais contributos das tecnologias e suas mídias, mas fazê-las com a leitura crítica que precisa acontecer.

Encerrando este artigo, sem a finalidade de esgotar o tema e sua problematização, reiteramos o diálogo corroborando Freire, Rincón e Han, como sendo uma bela forma de conclusão.

O diálogo ainda é a melhor alternativa, é preciso fazer a leitura crítica dessa sociedade da informação e da aceleração, especialmente no espaço plural da educação e da escola, é necessário conversar com os jovens para estreitar o caminho e aproximar o caminho do diálogo e da escuta.

Lembremos do que Eduardo Galeano (2014) pensa sobre a utopia: "La utopía está en el horizonte. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se desplaza diez pasos más allá. Por mucho que camine, nunca la alcanzaré. Entonces, ¿para qué sirve la utopía? Para eso: sirve para caminar".

REFERÊNCIAS

DANIEL, Andrade Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. IN. **Sociedade e Estado**. Volume: 34, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/RyfDLystcfKXNSPTLpsCnZp/# Acesso em 14/08/2024.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução de Francisco Alves e Afonso Monteiro. Edições Antipáticas, Lisboa. 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. **Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Tradução de Lucas machado, Petrópolis, RJ. 2018.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Tradução de Rafael Zambonelli- Petrópolis, RJ : Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia digitalização e a crise da democracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ : Vozes, 2022.

GALEANO, Eduardo, Disponível emhttp://www.pensamientosliterarios.com/2014/03/eduardo-galeano-sobre-las-utopoias.html#google_vignette. Acesso em 29/08/2024

KHAUAJA, Pedro. **Releituras Contemporâneas da Biopolítica: Byung Chul Han e o Conceito de Psicopolítica** : Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v.15.n.3. Especial, 2024. Disponível emfile:///C:/Users/Denise/Downloads/9+Releiturascontempor%C3%A2neasRevisado.pdf. Acesso em 30/01/2025

RINCÓN, Omar. **Narrativas mediáticas: O como se cuenta la sociedade del entretenimento**. Gedisa editorial. Barcelona, Espanha. 2006. Disponível em PDF.

RINCÓN, Omar. **El Poder mediático sobre el poder.** In. Nueva Sociedade, 2018, Disponível em: https://nuso.org/articulo/el-poder-mediatico-sobre-el-poder/ Acesso em 12/06/2024

RINCÓN, Omar. *La ccolture*. **Revista Anfibia.UNSAM**. 2018. Disponível em: https://www.revistaanfibia.com/la-coolture/ Acesso em 12/06/2024

SAUL. Ana. Maria. **Paulo Freire, vida e obra de um educador**. In: STRECK, Danilo. *et al* (Orgs.). Ética, Utopia e Educação. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVERSTONE. Roger. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ZITKOSKI, Jaime. José; STRECKD. Danilo R.; REDIN, Euclides.(Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte : Autêntica, 2008.